

As representações do preso em “Estação Carandiru”

RESUMO

A Casa de Detenção de São Paulo, conhecida pelo nome do bairro onde se localizava, o Carandiru era o maior conjunto prisional da América Latina. Em 02 de outubro de 1992, a Casa de Detenção sofreu o trágico episódio que ficaria conhecido mundialmente como o “Massacre do Carandiru”. Diante da inegável exposição da miséria humana, no dia 08 de dezembro de 1992 parte do Complexo do Carandiru, após ter sido progressivamente desativado, foi implodido. Em 1999, o médico Drauzio Varella lançou o livro “Estação Carandiru”, contando sua experiência de 12 anos como médico na Casa de Detenção. A proposta do presente trabalho é tentar problematizar as ideias que integram a obra de Drauzio Varella como prováveis ratificadoras do massacre e naturalizadoras do sistema prisional. Há, neste trabalho, uma tentativa de incursão no conteúdo do livro “Estação Carandiru”, tomando-o como um dos elementos cruciais na história da Casa de Detenção de São Paulo, como propulsor de sua visibilidade e, ao mesmo tempo, difusor de ciladas ideológicas a respeito da prisão e de seus personagens.

PALAVRAS-CHAVE

representação
preso
ideologia

ABSTRACT

The prison house of São Paulo – known after the neighborhood where it was located, the Carandiru – was the largest prison complex of Latin America. In October 02, 1992, the prison house was subject of the tragic event that went to be known globally as the “Carandiru Massacre”. Due to the undeniable exposition of human misery, in December 08, 1992, part of the Carandiru Complex was destroyed after its progressive deactivation. In 1999, Drauzio Varella wrote a book, “Estação Carandiru” (Carandiru Station), presenting his 12 years of experience as a medical doctor in the prison house. The objective of this paper is to discuss the ideas presented in the book of Varella as possible legitimizing representations of the prison system. The study aims at understanding the content of the book, assuming it as one of the crucial elements in the history of the São Paulo prison house, giving emphasis to its visibility and, at the same time, diffusing ideological fallacies about the prison and its inmates.

KEY WORDS

representations
prison
ideology

Márcia Pedroso

Professora do Curso de Psicologia da ULBRA/RS/BR
marcia-pp@hotmail.com

Pedrinho Guareschi

Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS/RS/BR
guareschi@pucrs.br

A Casa de Detenção de São Paulo, conhecida pelo nome do bairro onde se localizava, o Carandiru era o maior conjunto prisional da América Latina. Fundado na década de 50, tinha o objetivo inicial de servir de local passagem para os presos à espera de julgamento. Sua capacidade oficial, originalmente, era para 3.250 presos. Após uma reestruturação física, sua capacidade máxima elevou-se para 6.300 presos. Desde 1975, a Casa de Detenção já não tinha mais sua função inicial, pois os detentos que lá se encontravam não eram somente aqueles que aguardavam julgamento. A superlotação do local e a degradação da condição humana que ele proporcionava ocasionariam o seu fim.

Em 02 de outubro de 1992, a Casa de Detenção abrigava cerca de 7.200 homens e sofreu o trágico episódio que ficaria conhecido mundialmente como o “Massa-

cre do Carandiru”: uma intervenção da Polícia Militar do Estado de São Paulo no presídio, que acabou deixando, em um confronto entre ela e os detentos, 111 mortos e 100 feridos, conforme a contagem oficial do governo do Estado de São Paulo – entre estes somente presos. Diante da inegável exposição da miséria humana e da impossibilidade de manutenção do controle da penitenciária, no dia 08 de dezembro de 1992 parte do Complexo do Carandiru, após ter sido progressivamente desativado, foi implodido.

Em 1999, o médico Drauzio Varella lançou o livro “Estação Carandiru”, contando sua experiência de 12 anos como médico, no trabalho de prevenção da AIDS na Casa de Detenção de São Paulo, e narrando parte da história da instituição e de seus habitantes. O livro tornar-se-ia a principal e mais popular obra a tratar da Casa de Detenção na última década. Já vendeu mais de 330 mil exemplares e mantém uma venda mensal de 5 mil exemplares. Ganhou prêmios de melhor reportagem e melhor livro, dando origem, ainda, a “Carandiru: o filme” dirigido e livremente adaptado por Hector Babenco em 2003.¹

A proposta deste trabalho é tentar problematizar as ideias que integram a obra de Drauzio Varella, percebendo-as como prováveis ratificadoras do massacre e naturalizadoras do sistema prisional. Conjecturamos que a estrutura física da Casa de Detenção de São Paulo tenha se extinguido, mas que as fronteiras representativas (Jodelet, 2005) erigidas entre os seus supostos habitantes e o resto do mundo continuem de pé, e que o livro “Estação Carandiru” contribua para isto.

A queda das muralhas físicas do Complexo do Carandiru não implica, necessariamente, a queda das fronteiras imaginárias (Jodelet, 2005) e esta é a questão que queremos trazer à tona. Para tanto, há uma tentativa de incursão no conteúdo do livro “Estação Carandiru”, tomando-o como um dos elementos cruciais na história da Casa de Detenção de São Paulo, como propulsor de sua visibilidade e, ao mesmo tempo, difusor de ciladas ideológicas a respeito da prisão e de seus personagens (Thompson, 1995).

As fronteiras representativas: um fenômeno valorativo e ambíguo

O pensamento erige fronteiras de signos e símbolos, e essas fronteiras não se relacionam a elementos de uma suposta realidade ou verdade, mas se constituem em si mesmas a realidade, uma construção social dos sujeitos (Jodelet, 2005). Esta é uma das reflexões possíveis, ao se entrar em contato com a narrativa de Drauzio Varella em seu livro “Estação Carandiru”, onde os sentidos, de acordo com os olhares que os especulam, constroem-se, reproduzem-se e se empedernecem.

A escrita de “Estação Carandiru” cria um mundo de símbolos que ilustra as ideias do autor da obra, a respeito da penitenciária e a respeito dos homens que lá estão aprisionados. Ao articular as falas dos presos, dos funcionários, dos PMs e dos técnicos às suas próprias falas, o autor constrói uma perspectiva onde seu discurso transversaliza o discurso de seus personagens e vice-versa. As possibilidades artísticas da escrita e o cunho lendário dado aos personagens conferem à história um tom que mistura pungência e jocosidade, levando o leitor a um abismo de labilidade.

A narração de uma história é sempre a representação de uma suposta realidade, que edifica posicionamentos e visões de mundo – de homem, do que seja bom ou ruim, das características destes posicionamentos.

Se, à primeira vista, a qualidade, a pluralidade e a criatividade da escrita parecem conferir ao livro uma literariedade descomprometida, a um segundo olhar essa ilusão se dissipa. Uma história é sempre uma construção que seleciona determinados aspectos em detrimento de outros e re-constrói a realidade de forma invariavelmente inflada de valores, sejam eles positivos, negativos ou híbridos de ambos. A narração de uma história é sempre a representação de uma suposta realidade, que edifica posicionamentos e visões de mundo – de homem, do que seja bom ou ruim, das características destes posicionamentos. Deste modo, não há possibilidade de neutralidade para as narrativas, porque não há neutralidade nas representações de mundo que subjazem a elas (Moscovici, 2003).

Sempre que há uma tentativa de se explicar algo – e o discurso, a teoria, a narrativa e a história são explicações seletivas e interpretativas do mundo –, há a emergência do fenômeno representacional, pois nunca lidamos com a realidade em si mesma, mas com representações que fazemos dela. O olhar não existe em si mesmo, ele é um olhar sobre algo. O mundo também não existe em si mesmo, ele é o mundo sob um olhar. O encontro entre o olhar e o mundo, que é o que edifica a ambos, é o fenômeno representacional (Forghieri, 1993).

No livro “Estação Carandiru”, a representação aflo- ra quando o autor tenta descrever seu encontro com o cárcere ou quando tenta dar forma aos habitantes des- te. A representação se exterioriza sempre que é feita uma criação conceitual a partir do encontro entre o olhar do autor e a suposta realidade observada – são mundos de saberes diversos que se chocam. A fricção entre o discurso explicativo do autor, que conceitua e ordena esta realidade, e outras possíveis explicações para ela traduzem-se em embates de saberes, onde uns tentam sobrepujar outros (Moscovici, 2003).

Assim, quando Drauzio Varella afirma em seu li- vro que, “como médico, não [lhe]² cabia julgar os cri- mes dos pacientes, [já que]³ a sociedade tinha juízes preparados para essa função”, ele anuncia seu propó- sito de uma escrita imparcial e, conseqüentemente, sobrevaloriza sua obra, atribuindo a ela a capacidade de ser isenta. Todavia, justamente ao delinear o pro- pósito de imparcialidade, é que ele começa, implicita- mente, a expressar seu posicionamento.

O autor se propõe a uma tarefa que já inicia perdi- da. A proposição de neutralidade é impossível de ser mantida no jogo simbólico da narrativa e serve como um elemento que auxilia, precisamente, a camuflar os aspectos valorativos intrínsecos ao discurso, tornan- do-os quase imperceptíveis ao leitor que tende a acre- ditar na possibilidade genuína de imparcialidade pro- posta pelo autor. A credibilidade e a sobrevalorização depositadas no discurso neutro carregam consigo adeptos, despercebidos dos valores e do poder dissi- mulado na própria proposta (Guareschi, 2005).

Diante disto, a questão que se coloca e que se tenta responder através do conteúdo da escrita do autor, é: onde a narrativa de Drauzio Varella torna-se um ele- mento edificador ou mantenedor de muralhas entre os habitantes da prisão e o resto do mundo, e onde ela se torna ideológica e legitimadora do sistema prisio- nal? Para compreensão desta dinâmica de saberes, va- lores e posicionamentos dentro da obra de Drauzio Va- rella, propomos uma análise do teor de sua obra sob a perspectiva da Teoria das Representações Sociais (Mos- covici, 2003), procurando, a partir deste referencial, com- por um mapa com os elementos ilustrativos da repre- sentação do preso no livro “Estação Carandiru”.

Nesta perspectiva, contrariando Drauzio Varella, não tomaremos sua narrativa como neutra ou impar- cial, mas justamente procuraremos encontrar suas ambivalências ou ambigüidades, já que noções de ambivalência e de ambigüidade traduzem de forma mais fidedigna a complexidade de sentimentos opo- stos envolvidos em uma mesma questão, desvelando,

assim, os aspectos irracionais, passionais e valo- rativos do discurso, exatamente aqueles que o autor pretendia amenizar. Consideramos ainda que, por de- trás da tentativa de dissimular a ambigüidade e a irra- cionalidade do discurso, construindo propósitos de neutralidade, é que se constroem as explicações mais arbitrarias sobre uma realidade (Bauman, 1999).

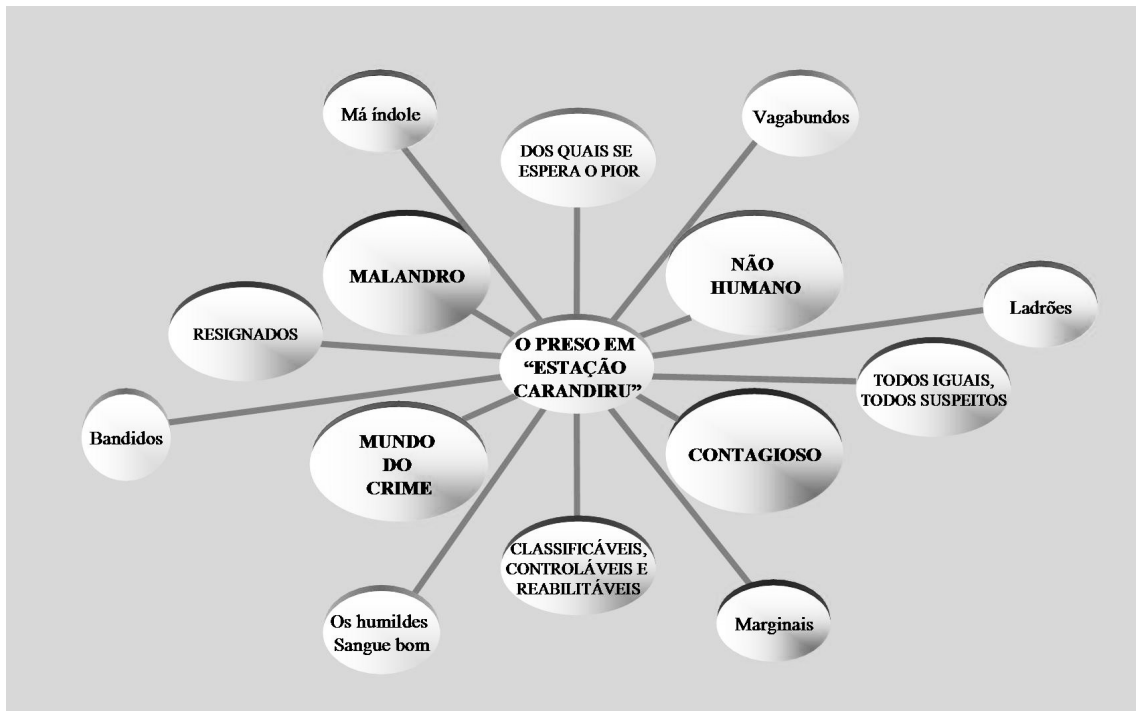
O mapa e as muralhas representacionais do livro “Estação Carandiru”

O livro “Estação Carandiru” inicia com uma descri- ção da Casa de Detenção de São Paulo, sua estrutura físi- ca, seu funcionamento. A partir do texto inicial come- çam a ser delineados os personagens da cadeia, que ga- nham forma com títulos de capítulos dedicados a sua história. Para caracterização dos seus personagens o au- tor não poupa as analogias, as metáforas e as imagens.

A proposição de neutralidade é impossível de ser mantida no jogo simbólico da narrativa e serve como um elemento que auxilia, precisamente, a camuflar os aspectos valorativos intrínsecos ao discurso, tornando-os quase imperceptíveis ao leitor que tende a acreditar na possibilidade genuína de imparcialidade proposta pelo autor.

Para execução do trabalho de análise do teor do li- vro, efetuamos três leituras: uma primeira descompro- missada, procurando nos deixar envolver pela narra- tiva; uma segunda leitura, de grifos e anotações, des- tacando no texto as partes consideradas ilustrativas ao pensamento do autor sobre a prisão, os presos e as re- presentações que o autor constrói acerca destes; e uma terceira leitura, quando foi efetuada a transcrição dos recortes de texto e onde foram criados os grupos se- mânticos dos quais esses recortes poderiam fazer par- te. Na tentativa de dar visibilidade aos grupos semân- ticos criados, foi construído o mapa⁴, como demonstra a Figura 1 a seguir.

Figura 1 – Mapa representacional



Fonte: Confecção nossa, a partir de nossa interpretação dos dados coletados.

Dito de outra forma, cada balão do mapa correspondente a um grupo semântico e equivale a um conjunto de recortes textuais que constroem um corpo de significados. Os vários corpos de significados irão compor a representação, construídas pelo autor sobre os presos da Casa de Detenção de São Paulo. Estes grupos foram criados apenas para a sistematização do trabalho de análise e não possuem a pretensão de esgotar o assunto, mas pretendem ser uma dentre muitas outras das formas possíveis de interpretação do texto de “Estação Carandiru”, dentre tantas outras que poderiam ser efetuadas. Os recortes que compõem os grupos semânticos serão lançados ao longo da discussão entre aspas e em itálico, procurando ilustrar a narrativa do autor.

Desta forma chegamos primeiramente a quatro grandes grupos semânticos: (1) não-humano, (2) contagioso, (3) malandro e (4) mundo do crime. Ao seu redor gravitam quatro grupos secundários que, embora menores do que os primeiros, também carregam recortes de textos emblemáticos da representação: (a) classificáveis, controláveis e reabilitáveis, (b) todos iguais, todos suspeitos, (c) dos quais se imagina o pior, (d) resignados. E ainda, ao redor de todas estas, surgem seis taxonomias menores que, apesar de mais dispersas e menos suntuosas dentro do texto do autor,

não deixam de serem acessórios importantes à construção de sua narrativa. Juntas, estas taxonomias constituem o grupo semântico denominado “*personagens da cadeia*”. São eles: (a) ladrões; (b) má índole; (c) humildes – sangue-bom; (d) vagabundos; (e) bandidos e (f) marginais.

Primeiro grande grupo semântico: o “não-humano”

Durante a narrativa de Drauzio Varella, por várias vezes são utilizadas as associações, as analogias ou as metáforas relacionadas aos animais, como forma de descrever tanto os homens quanto o ambiente da Casa de Detenção de São Paulo. O primeiro grande grupo semântico, o “*não-humano*”, procura englobar recortes que demonstram esta caracterização.

Neste conjunto semântico, exposto na tabela 1 a seguir, sejam como “*ratos de todas as raças*”, “*frangos no poleiro*”, “*morcegos*”, “*formigas na tempestade*” ou “*passarinhos na gaiola*”, a ligação do homem preso com a figura do animal remete, no texto, à praga, a uma grande quantidade de coisas inoportunas, nocivas e incontroláveis, porque irracionais e selvagens. O “*irracionalismo da turba*”, como refere o autor, insinua que os “*animais*”, mesmo domesticados, podem “*dar o bote*” frente a pressões cotidianas (como “*a cascavel*” quando pisada).

Tabela 1: Não-humano

RECORTE DE TEXTO	PÁGINA
"... fizemos pesquisas epidemiológicas sobre a prevalência do HIV, organizamos palestras, gravamos vídeos, editamos a revista em quadrinhos <i>O Vira Lata</i> ..."	10
"Ouço a batida do destranque e caio na Ratoeira , um átrio gradeado com dois guichês rasgados à esquerda, para o visitante se identificar."	14-15
"Por segurança, a entrada do pavilhão é gradeada em forma de uma gaiola constituída de porta externa e pelas internas, que bloqueiam o acesso à escada e à galeria do térreo."	19
"Ambiente lúgubre, infestado de sarna, muquirana e baratas que sobem pelo esgoto. Durante a noite, ratos cinzentos passeiam pela galeria."	24
"A Masmorra fica em frente à gaiola de entrada do pavilhão."	24
"- Faz como a cascavel : só dá o bote quando pisam nele."	34
"Surpreendidos furtando, os ratos de xadrez , como são rotulados, apanham de pau e faca."	43
"Das celas como formigas os homens saem silenciosos."	45
"Os portões abrem às sete, quando a fila já está enorme. É obrigatório passar pelas baías de Revista ."	54
"- Quem anda com porco , come farelo."	110
"Uns poucos privilegiados penduravam redes no alto e pairavam acima dos demais (são conhecidos como 'morcegos')."	161
"Já que nós é para encontrar a morte, que seja livre, correndo pela galeria e não feito frango acuado no poleiro . Fiquei só de zorba e saí, que quando o navio vai a pique, o homem sem iniciativa se afoga mais primeiro."	170
"- As três vezes que a casa caiu, foi por crocodilagem ."	184
"- Passarinho voltou para a gaiola . Trouxe um saco de alpiste."	190
"Quando cheguei no pavilhão Quatro, o sol batia forte na gaiola do térreo."	198
" Ratos de várias raças infestavam o presídio . No escuro, circulavam pelas galerias, corredores e interior das celas."	198
"- Para a sociedade, eu não passo de um reles, rejeitado que nem cachorro sarnento ."	198
"- Excluídos os mais sensatos, que se trancaram nos xadrezes, os outros armaram um berreiro infernal, faca, pau, cano de ferro e quebra-quebra, correndo descontrolados, contagiando a massa com a excitação, feito estouro de boiada ."	284
"Nos andares, agitados como formigas antes do temporal , os detentos queimavam e destruíam o que tivesse ao alcance."	284
"Mais tarde o irracionalismo da turba teria conseqüências desastrosas ..."	284

Fonte: Coleta direta de dados (2006)

O autor conta sobre uma revista a respeito do HIV criada pela equipe médica (incluindo o próprio autor) e pelos presos, à qual foi dado o sugestivo nome de "*Vira-lata*", denotando ainda, uma forte associação deste animal aos presos. Relaciona-se, desta forma, o cachorro sem dono (que, na linguagem comum, representa aquele que vive de restos, que não possui origem nobre, que é um mestiço no qual não se pode iden-

tificar a linhagem ou procedência) ao homem preso para o qual o periódico foi criado.

Através do irracional, do selvagem, da fúria ou da procedência obscura, esta categoria de recortes demonstra a "ancoragem" (Moscovici, 2003) da figura do homem preso à figura do animal, do não-humano. A ancoragem "é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema

particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que pensamos apropriada” (Moscovici, 2003, p. 61).

Assim, ao tentar explicar o preso, há uma comparação deste ao animal, ou seja, um encaixe do preso a um conceito ou ideia conhecida, representando-o, desta forma, como algo que se pode nomear, classificar e associar. Um dos resultados possíveis a essa ligação dos detentos à imagem do animal é a construção, ou reprodução, de uma representação que nega o que há de humano no homem preso e acaba por justificar e legitimar o tratamento animalesco de amontoamento, de exílio e de enjaulamento dado a este homem. Se o contingente a ser controlado, ou mesmo devastado, é desumanizado, a tarefa passa a ser encarada como uma operação sanitária e não como um massacre (Bauman, 1999).

Segundo grande grupo semântico: o “contagioso”

A leitura de “Estação Carandiru” deixa à mostra retalhos de um discurso que podemos denominar de profilático ou asséptico, que pode estar relacionado à formação médica de seu autor. O discurso profilático possui origem na ciência sanitarista ou higienista e, muitas vezes, acaba por se transferir ao discurso moral de ordenação social sobre o que seja considerado

limpo, bonito, bom e, por isto, saudável em contraposição ao que seja considerado sujo, feio, mau e, por isto, anormal e contagioso. “Não é de se surpreender que as pessoas (...) em todas as partes e em todos os tempos, em seus frenéticos esforços de separar, confinar, exilar ou destruir os estranhos, comparassem os objetos de suas diligências aos animais nocivos e às bactérias” (Bauman, 1998, p. 19).

Os recortes relacionados a esta caracterização foram reunidos no grupo semântico denominado “contagioso”, exposto na Tabela 2, a seguir. Em alguns destes recortes de texto, percebemos a revelação do receio de contágio através do contato prolongado e da relação com os presos ou com o presídio. Uma das expressões do receio de contágio é evidenciada pela ideia de que funcionários, técnicos ou presos recém-chegados poderiam ser considerados vulneráveis, como se estivessem com a imunidade baixa frente aos ataques corruptíveis dos presos antigos ou do ambiente carcerário. Uma passagem torna clara esta ideia: “ao lado de ladrões primários condenados há poucos meses, ali cumprem pena criminosos condenados a mais de um século”. Essa frase de aparência comum demonstra uma classificação das pessoas pelo tempo de estada na prisão ou tipo de crime cometido e desvela o receio de contágio dos mais novos pelos mais velhos.

Tabela 2: Contagioso

RECORTE DE TEXTO	PÁGINA
“- ... você chega no trabalho como chefe de família, respeitado; à tarde, sai daqui preso. Vai pegar cinco ou seis anos lá no COC. Teus meninos, agora, são filhos de bandido. Tua esposa não é mais senhora de um servidor público, é mulher de malandro.”	14-15
“Ao lado de ladrões primários condenados a poucos meses, ali cumprem pena criminosos condenados a mais de um século.”	20
“Nas janelas a malandragem hasteia mastros para secar a roupa. Clima de cortiço.”	27
“- Eu sei que eles vão perder, que o time da malandragem é forte. Mas a minha intenção é fazer que quem está se desviando lá na Vila, pensando em entrar para o crime, venha ver aonde é que leva essa vida.”	47
“Com esse salário baixo, alguns se contaminam com o crime e viram pilantras. Só que a gente nunca sabe quem são.”	56
“O olfato é um aliado poderoso dos que guardam a saída: o cheiro da cadeia entranha no homem preso. Difícil definir que odor é esse. Parece mistura de vários outros: alho frito, pano de chão guardado, suor e um toque de creolina. Embora não possa ser classificado como mau cheiro, é desagradável. Quente e Pesado. É tão pegajoso que os carcereiros, ao abrir as celas do Castigo, apinhadas, nunca se colocam diante da abertura: - Não fica na frente da porta, doutor, esse bafo gruda na roupa da gente de um jeito que nem lavando sai.”	57

“Fui movido por uma sensação racional de confiança, mas estava com medo. Atravessei o cinema devagar. Quando cheguei nas últimas filas, a conversa calou. Sentei no chão no meio dos ladrões, e fiquei assistindo ao vídeo. Tinha mãos geladas e os batimentos cardíacos acelerados. Veio a sensação de que alguém pularia por trás para me enganar. Controlei o medo e resisti até o final. Então, levantei e voltei sem pressa para o palco. No caminho, notei que aquele andar não era bem o meu: tinha um toque da malandragem das ruas do Brás. ”	72
“Já não bastavam o tempo gasto com as palestras e o risco de andar naquele meio? ”	79-80
“ Aquele mundo havia entranhado em mim , era tarde para fugir dele.”	80
“Os que agem assim tornam-se indistinguíveis dos ladrões, porque, como afirmam os de conduta séria: – Quem anda com porco, come farelo. A convivência prolongada com a malandragem , a falta crônica de dinheiro e a própria burocracia da Justiça brasileira fermentam o caldo da corrupção.”	110
“Um cheiro forte de cadeia se espalha pelo ambiente.”	121
“É injusto generalizar, entretanto. A maioria dos guardas jamais se envolveu com o tráfico, apesar dos baixos salários e do desalento com a profissão. Além disso, a direção vive preparando armadilhas para surpreender os que ‘passam para o outro lado’... ”	136
“... gente que nunca se envolveu com drogas vira traficante na cadeia para manter a integridade da estrutura familiar.”	143
“Durante meses, nosso contato ficou restrito ao café que ele trazia no meio da tarde, num copo com friso de ouro e uma índia de maíô de oncinha. Na primeira vez, levei a bebida a boca com uma cerimoniosa preocupação que, para minha surpresa, mostrou-se descabida: o café era forte, e amargo, um alento no ambulatório interminável.”	159
“– Excluídos os mais sensatos, que se trancaram nos xadrezes, os outros armaram um berreiro infernal, faca, pau, cano de ferro e quebra-quebra, correndo descontrolados, contagando a massa com a excitação , feito estouro de boiada.”	284
“ A aversão dos policiais pelo sangue derramado custou a vida de vários desastrados... ”	293

Fonte: Coleta direta de dados (2006)

Além disto, a visão do “malandro”, relacionada à descrição de seu habitat como “um cortiço”, reforça a ideia de imundície associada à impureza e contaminação, já que o pensamento higienista visa o fim dos cortiços como uma das formas de purificar as cidades. A utilização da palavra “cortiço” remete a um ambiente que ataca a salubridade pública, pois no século XIX eles eram considerados antros e focos de infecção (Chalhoub, 1996). A prisão passa a ser vista como “um organismo doentio, enfermo e infeccioso, prejudicado e prejudicial. [...] Deve ser destruído para que o resto do corpo social possa manter a saúde. Sua destruição é uma questão de medicina sanitária” (Bauman, 1999, p. 56).

Descrições repetitivas sobre “o cheiro”, “o ar”, os animais peçonhentos do ambiente da prisão e as menções às epidemias como “a sarna”, “a tuberculose” e “a AIDS” denunciam a visão de uma “cerimoniosa preocupação” que acaba por justificar, mesmo que de forma inconsciente, a lógica do banimento. “O risco de andar naquele meio e o bafo [que] gruda na roupa da gente de

um jeito que nem lavando sai” contaminaria os que por lá passassem e, tanto mais, os que estivessem por lá há mais tempo. O próprio autor reconhece o enfrentamento da sensação do “contágio”, quando diz “aquele andar não era bem o meu”, referindo-se às mudanças que percebe em si mesmo, a partir da convivência no ambiente carcerário.

Este conjunto semântico denuncia que subjaz à narrativa do autor uma lógica de que a passagem pelo “ambiente lúgubre” da prisão contamina, lógica esta que reforça a repulsa e o preconceito aos ex-detentos. Ela também reforça a ideia de extermínio, de banimento ou segregação perpétua, dentro ou fora da prisão, mantidos através da estigmatização do ex-detento (Goffman, 1988). Assim, o preso ou o ex-presos não somente carrega em si o fardo da incompreensão e do receio, mas carrega junto a isto o que haveria de contagioso no cárcere. “A essência do estigma é enfatizar a diferença; e uma diferença que está em princípio além do conserto e que justifica, portanto, uma permanente exclusão” (Bauman, 1999, p. 77).

O processo representacional ocorre, neste caso, no sentido de tentar realizar a “materialização de uma abstração [...] encher o que está naturalmente vazio, com substância” (Moscovici, 2003, p. 71-72). É a tentativa de objetivar uma realidade incompreensível – a prisão, os presos, o crime –, relacionando-a a elementos que a tornem tangível ou racionalizável – a doença, os microorganismos infecciosos, as bactérias.

Terceiro grande grupo semântico: o “malandro”

A palavra “malandro” remete a diversas imagens. Uma delas poderia ser a do malandro que utiliza engenhosidades para sobrevivência, que não gosta do trabalho, também podendo ser chamado de preguiçoso ou mandrião, mais relacionado à visão do malandro do século XX (Houaiss, 2001). Este seria um boêmio sensual, de reconhecida lábia e modo peculiar de se vestir, mover, falar e aproximar-se-ia do malandro da “Ópera do Malandro”, de Chico Buarque de Holanda, um personagem folclórico do samba, de vestes caprichosas e que leva a vida em diversões e prazeres.

Outra imagem possível remete ao personagem carioca das classes sociais menos favorecidas do Rio de Janeiro no século XIX ligado à capoeiragem e à valentice (Houaiss, 2001). Este seria o pobre, morador de “cortiço”, “termo que as autoridades sanitárias passaram a utilizar quando desejavam estigmatizar em definitivo determinada habitação coletiva” (Chalhoub, 1996, p. 40). Seu habitante era descrito como fazendo parte das “classes perigosas” (Chalhoub, 1996, p. 08), expressão cunhada da literatura criminalista francesa e utilizada para enquadrar o grupo social carioca que vivia à margem da sociedade civil e havia optado ou escolhido por obter seu sustento através dos furtos e não do trabalho. Este malandro seria o morador de cortiços, ocioso, vicioso e contagioso, suspeito de não ser um bom trabalhador.

Um híbrido das duas descrições aparece na narrativa de Drauzio Varella que, ao delinear o persona-

gem do “malandro” aprisionado, categoria em que o autor enquadra toda a população carcerária da Casa de Detenção, constrói o que ele mesmo chama de uma “figura de estilo” – um modelo de descrição repleto de traços característicos, que passa a servir de padrão para identificação. Este conjunto semântico encontra-se elencado na Tabela 3 a seguir.

**Os “personagens da cadeia”
são uma tentativa de reduzir as
7.200 pessoas que habitavam a
Casa de Detenção de São Paulo
a cinco tipos de pessoas:
“ladrões, estelionatários,
traficantes, estupradores e
assassinos”.**

A “figura”, que carrega “a ginga” do malandro, “o cantado da fala paulista” e a engenhosidade do mandrião é, além disto, a figura de um fora-da-lei ou de um criador das próprias leis. “O malandro completo no andar, falar e olhar”, para o autor de “Estação Carandiru” (1999), “é incorrigível e mau caráter”. O cortiço que habita é o lugar fétido que alimenta e faz “ambiente com a malandragem”.

A integração de personagens agrega a imagem do preso à do sujeito que nunca gostou de trabalhar, mas aprecia somente os prazeres, que carrega por índole a preguiça, o vício, a esperteza e o desejo de tirar vantagem em tudo e que, além disso, optou pela vida encantada e sedutora relacionada à lenda brasileira do “bom-vivante” erigida sobre o termo “malandro”.

Tabela 3: Malandro

RECORTE DE TEXTO	PÁGINA
“Os presos na soleira das celas, o carcereiro com a barba por fazer, um PM de metralhadora distraído na muralha, ecos na galeria mal iluminada, o cheiro, a ginga da malandragem, tuberculose, caquexia, solidão...”	09
“A narrativa será interrompida pelos interlocutores, para que o leitor possa apreciar-lhes a fluência da linguagem, as figuras de estilo e as gírias que mais tarde ganham as ruas.”	11
“Em minha direção vem um malandro desdentado, na ginga, sandália de dedo e uma T-schirt impecável da New York University.”	16

“A falta de médicos especializados em distúrbios psiquiátricos permite que a malandragem mau caráter simule quadros psicóticos para se refugiar entre os doentes mentais e escapar da vingança dos inimigos.”	26
“Nas janelas a malandragem hasteia mastros para secar a roupa. Clima de cortiço. ”	27
“O cinco é o pavilhão dos sem-família, dos sem-teto e dos ‘humildes’. Embora homens respeitadas cumpram pena em suas dependências, no conceito da malandragem é o pavilhão da ralé.”	29
“... obrigam a malandragem a pular da cama e postar-se diante do guichê, para ter certeza de que estão todos presentes e vivos antes da entrega do plantão.”	44
“– Aqui é tudo malandro, a maioria sem ocupação, a não ser ficar de olho numa vantagem. ”	49
“Mesmo os notívagos que assistem filme até acabar a programação tomam cuidado com o volume da TV, por que o sono de malandro é sagrado. ”	49
“Ouviam atentos, marcando o ritmo no balanço do pé, discretos. Dançar e mexer o corpo, jamais: – Que onde já se viu malandro rebolar na frente do outro.”	71
“– O malandro de verdade chega aqui para tirar a cadeia em paz , voltar para rua o mais rápido possível e assaltar, que essa é a vida dele. Ele segura os companheiros, não se envolve em plano de fuga, droga ou facada, para não comprometer o objetivo de ir embora.”	112
“Nos dias conturbados que se seguiram ao massacre de 1992 a malandragem de moral chegava a escoltar funcionários até a saída, para evitar possíveis represálias da massa revoltada.”	112
“... malandro não arrisca ser acusado de prejudicar os companheiros.”	127
“Fomos embora contentes com o sucesso da operação, dando risada da malandragem embaixo da água fria, com a bunda encostada na parede.”	127
“Diante desta inadmissível contravenção às leis da malandragem , segundo as quais um preso, por mais intimidade que tenha com o companheiro, só pode se dirigir a um familiar do outro se convidado a fazê-lo...”	164
“ Malandro esperto , nunca se interessou pelo lucro fácil da cocaína.”	184
“Com a ajuda do amigo, Deusdete, condenado por nove anos por homicídio duplo, fez ambiente com a malandragem. ”	200
“ Era o preferido da malandragem para aplicar injeções, fazer curativos e, nas madrugadas sofridas, receitar o melhor tratamento sintomático.”	205
“Cigarro, guloseimas, o baseado da tardinha, a pílula para os seios e o respeito da malandragem , por conta do ladrão.”	213
“A dinâmica dessas conversas secretas respeitava o ritual descrito nas consultas que a malandragem fazia ao ex-marinheiro: os encarregados da cozinha aguardavam de seu Chico a permissão para se aproximar, falavam em voz baixa, ouviam seus conselhos e retiravam-se.”	222
“ As gírias, o cantado da fala paulista, o jeito de parar com o corpo jogado para trás, a disposição permanente para gozar os companheiros, tudo nele recendia malandragem. ”	226
“ A malandragem estranhou.”	245
“Teimava, batia o pé, mas para a malandragem ela era a Japonesa, referência aos olhos puxados de cabocla mato-grossense.”	247
“ Malandro completo no andar, falar e olhar, assaltante incorrigível, estava condenado a dezesseis anos, nesta segunda passagem pela cadeia. ”	260

Fonte: Coleta direta de dados (2006)

Junta assim à representação do preso uma clara conotação mítica de prazer e de arbítrio pelo seu destino, fragmentando a responsabilidade social e moral coletiva sobre a questão.

Quarto grande grupo semântico: o “mundo do crime”

O conjunto “mundo do crime”, detalhado na tabela 4 a seguir, agrupa os recortes da narrativa que descrevem o ambiente da prisão, os presos e os crimes como elementos que constituem outro mundo, uma espécie de “universo marginal”. Ele destaca descrições antagônicas entre “a sociedade” e o “mundo do crime” e faz referências aos que “passam para o outro lado” ou, como descrito no conjunto semântico “contágio”, contaminam-se pelo universo paralelo. Esse universo teria eri-

gido “um código penal não escrito”, onde prevaleceria a tradição da “força” e do “silêncio”.

A linguagem busca atribuir ao mundo uma ordem aparente, lançando para trás de uma fronteira imaginariamente intransponível seus demônios interiores. Dessa forma erige-se uma tentativa de construir espaços de pureza e de segurança onde “cada modelo de pureza tem sua própria sujeira que precisa ser varrida” (Bauman, 1998, p. 20). O “mundo do crime” seria o mundo mau, de ordem diversa ao mundo do social. Lá estaria depositado o que é inexplicável, o que desafia a norma. “O exterior [o mundo do crime] é a negatividade para positividade [a sociedade]”⁶ (Bauman, 1999, p. 62).

Tabela 4: Mundo do Crime

RECORTE DE TEXTO	PÁGINA
“Esse processo adaptativo é regido por um código penal não escrito como na tradição anglo-saxônica cujas leis são aplicadas com extremo rigor: – Entre nós um crime jamais prescreve, doutor.”	10
“– No mundo do crime , a palavra empenhada tem mais força que um exército.”	10
“– O crime é silêncio. ”	15
“– Vocês estão chegando na Casa de Detenção de São Paulo para pagar uma dívida com a sociedade. ”	22
“Dessa forma, os ladrões tornam explícito que seu código penal é implacável quando as vítimas são eles próprios.”	43
“Mas a minha intenção é fazer que quem está se desviando lá na Vila, pensando em entrar para o crime , venha ver aonde é que leva essa vida.”	47
“É injusto generalizar, entretanto. A maioria dos guardas jamais se envolveu com o tráfico, apesar dos baixos salários e do desalento com a profissão. Além disso, a direção vive preparando armadilhas para surpreender os que ‘passam para o outro lado’... ”	136
“Embora os funcionários saibam aquele que não é o verdadeiro autor do crime ou contravenção, pouco podem fazer contra o código de silêncio que rege a vida no Crime. ”	148
“... na melhor tradição do Crime : ‘contra a força não há resistência’.”	169
“No mundo do crime , arma é poder.”	194
“– Para quem está na vida do crime , matar ele é que nem beber um copo de água.”	275
“– Muitas pessoas do Crime até debate com a vítima; comigo não tem conversa.”	275
“– Doutor, o Crime é uma profissão ”	112

Fonte: Coleta direta de dados (2006)

Poderíamos fazer uma analogia aos conceitos de seio bom e seio mau⁷ para buscarmos entender o que significa esse corte antagônico entre dois mundos. De toda forma, percebemos que a classificação “mundo do crime/sociedade”, como qualquer outra classificação, “consiste nos atos de incluir e excluir. Cada ato nome-

ador divide o mundo em dois: entidades que respondem ao nome e todo o resto que não” (Bauman, 1999, p. 11).

Essa lógica de pensamento fundamenta barreiras bastante difundidas no cotidiano como a tão falada divisão entre o “cidadão de bem” e o “bandido”. Como ca-

racterísticas básicas, este tipo de classificação carrega a inflexibilidade, a intolerância e o estigma (Goffman, 1988). A “sociedade” e o “mundo do crime”, o “cidadão de bem” e o “bandido” colocam-se, deste modo, em oposição, onde o primeiro é o que o segundo não é e vice-versa (Bauman, 1999).

Os grupos oponentes aparentam uma equidade inexistente, que se esconde na própria oposição. A narrativa de dominação é descoberta através da análise do discurso, onde se percebe quem possui o poder de definir seu opositor. Os que “dominam a narração, estabelecem seu vocabulário e lhe dão um sentido” (Bauman, 1999, p. 62). Desta forma, é a narrativa dominante que ditará o que é bom e o que é mau, o que é certo e o que é errado, o que é normal e o que sai da norma. Enfim, o que pertence à sociedade e o que se deseja fora dela, sem perceber os processos endêmicos de produção do estranho à norma.

A representação e a ambivalência: diferentes, mas iguais

Os quatro grupos semânticos secundários – (a) classificáveis, controláveis e reabilitáveis, (b) todos iguais, todos suspeitos, (c) dos quais se espera o pior e (d) resignados – são resultados da seleção de aspectos do teor do livro “Estação Carandiru”, que indicam a disposição para delinear critérios de classificação e que expõem sua crença na efetiva possibilidade de submissão das pessoas às táticas do sistema prisional de controle, adestramento e triagem, além de pré-conceitos generalizantes sobre o homem preso. Interpretamos este conjunto de grupos como desvelador do crédito que “Estação Carandiru” deposita na eficácia disciplinar da prisão (Foucault, 1987) e do descrédito nos homens.

“Classificáveis, controláveis e reabilitáveis”

Ao primeiro grupo semântico denominado “classificáveis, controláveis e reabilitáveis” exposto na tabela 5 a seguir, correspondem os recortes de texto que demonstram os recursos da classificação disciplinar, os critérios de julgamento e de diferenciação entre os homens e a esperança que transparece na obra de que o cárcere possa ser reformado, ou otimizado, reafirmando a lógica da clausura, ao invés de questioná-la.

Reconhecer, diferenciar, vigiar, triar, disciplinar, avaliar, dividir, separar, reabilitar são as palavras-chave deste grupo semântico. Nele aflora que “o princípio da clausura não é [...] suficiente nos aparelhos disciplinares” (Foucault, 1987, p. 122). Existe, paralelamente, um trabalho, ou uma ciência, de planejamento das pessoas no espaço de modo a buscar eliminar a indecisão, fixando tarjas de identificação em ilhas populacionais que supostamente funcionam como uma forma de operacionalizar a dominação dos corpos.

A crença nos critérios classificatórios de controle e de reabilitação é uma crença no sistema prisional como possível e, conseqüentemente, como aceitável e, por outro lado, uma descrença no ser humano como original e criador de processos de subversão e escape às valas de generalização. De acordo com este referencial, a racionalização de uma “característica se torna, como se realmente fosse, co-extensiva a todos os membros [de uma mesma]ª categoria” (Moscovici, 2003, p. 65), e a exatidão dos sistemas classificatórios não é questionada.

Tabela 5: Classificáveis, controláveis e reabilitáveis

RECORTE DE TEXTO	PÁGINA
“... é na Divinéia meu primeiro contato com eles. Facílmo reconhecê-los , basta olhar para a calça de cor bege, uniforme obrigatório.”	16
“ Para diferenciá-los dos presos , os carcereiros vestem calça escura ou jeans.”	18
“Para os funcionários, esse passa-passa torna a cadeia incontrolável, e se cada pavilhão pudesse ser isolado como unidade autônoma, ficaria mais fácil vigiar. ”	19
“ Despersonalizado o novato é recolhido para Triagem Um , no térreo, uma cela de oito metros por quatro, lotada de acordo com o número de detentos que a Casa recebeu naquele dia. Dali, no dia seguinte, vai para Triagem Dois , no terceiro andar, aguardar a distribuição , que é feita obrigatoriamente por um dos três diretores: o diretor-geral, o de Disciplina ou o de Vigilância. ”	22
“ A Masmorra é habitada pelos que perderam a possibilidade de conviver com os companheiros. ”	24
“... para resolver o problema seria preciso transferir todos os detentos, fechar a cadeia e começar de novo.”	36
“Para avaliar a veracidade de queixas subjetivas como náuseas, anorexia, fraqueza ou diarreia, passei a pesar os pacientes em cada consulta.”	95

“Reduzindo à essência, o trabalho dos carcereiros consiste em dividir a malandragem, maquiavelicamente. ”	112
“Ouvir dez pessoas é escutar dez histórias, e separar o joio do trigo , um quebra-cabeça que exige preparo intelectual.”	112
“Soltá-los mais pobres e ignorantes do que quando entraram não ajuda a reabilitá-los. ”	112
“O velho diretor conclui, então, que a única solução seria o novo grupo tomar as celas da Faxina, expulsar os derrotados e impor respeito no pavilhão”	169

Fonte: Coleta direta de dados (2006)

“Todos iguais, todos suspeitos”

O grupo semântico exposto na tabela 6 a seguir – *“todos iguais, todos suspeitos”* –, embora possa parecer antagônico ao anterior – *“classificáveis, controláveis e reabilitáveis”* –, vem ao seu encontro. Através do grupo *“todos iguais, todos suspeitos”*, procuramos apontar onde a narrativa do autor possui tendências a se fazer pensar os sujeitos do cárcere como parecidos ou como indiferenciados. O encontro entre os dois grupos semânticos revela a ambiguidade própria do discurso que, se examinado mais de perto, apresenta quebras em sua lógica, lacunas e impossibilidade de perfeição em sua tarefa ordenadora: mesmo podendo ser considerados

enquadráveis em grupos específicos e, portanto *“classificáveis”*, também carregam semelhanças ou podem ser considerados *“todos iguais”*.

Embora o autor refira-se a uma série de personagens, cada um com sua história, esta história possui marcas que colocam todos eles em um lugar comum, *“semelhante aos dos outros”*, onde todos merecem *“desconfiança”*, todos são *“infantilizados”* e todos terão a mesma atitude: *“a invariável negativa de autoria”*. O livro dissemina a impressão de que estas características similares pertencem somente aos homens que habitam a prisão, o que faz com que eles pareçam, ao mesmo tempo, todos iguais uns aos outros e todos diferentes do resto do mundo.

Tabela 6: Todos iguais, todos suspeitos

RECORTE DE TEXTO	PÁGINA
“A seguir, de um em um, para certificar-se do tipo de crime que resultou na condenação e já prevendo a invariável negativa de autoria , pergunta sério: – Qual foi o delito que dizem que o senhor cometeu?”	23
“ – Tem que desconfiar de todos , lamentavelmente.”	56
“Devagar, aprendi que a cadeia infantiliza o homem e que tratar de presos requer sabedoria pediátrica.”	96
“O corpo musculoso lhe trazia desvantagem; para a polícia, um assaltante perigoso. ”	
“ O passado do Nego-Preto era semelhante aos dos outros , a infância nas ruas de terra da periferia, muitos irmãos e más companhias.”	253

Fonte: Coleta direta de dados (2006)

“Dos quais se imagina o pior”

O conjunto semântico denominado *“dos quais se imagina o pior”*, elencado na tabela 7 a seguir, traz os recortes da narrativa que demonstram a existência, por detrás da escrita do autor, de um preconceito a respeito do que ele esperava encontrar no cárcere e uma surpresa ao se deparar com elementos que vêm de encontro a sua ideia. Assim, quando o autor menciona que *“é raro encontrar um xadrez sujo”* ou que *“ao contrá-*

rio do que se imagina a maioria prefere cumprir pena trabalhando” ou ainda quando afirma surpreso de encontrar lá um homem que é *“pai de dezoito filhos com a mesma mulher”*, demonstra que acreditava mesmo sem se dar conta disto, que encontraria no cárcere a generalização da sujeira, da preguiça e da promiscuidade.

Tabela 7: Dos quais se imagina o pior

RECORTE DE TEXTO	PÁGINA
"É raro um xadrez sujo, e, quando acontece, seus ocupantes são chamados maloqueiros, com desdém."	41
"... pai de dezoito filhos com a mesma mulher..."	43
"Parecem homens de negócios com hora marcada."	45
"Quem nunca entrou no presídio imagina que os mais fortes tomem as mulheres dos mais fracos num corredor como esse, cheio de malandros encostados na parede. Ledo engano: o ambiente é mais respeitoso do que pensionato de freira."	61
"Mente ociosa é moradia do demônio, a própria malandragem reconhece. Ao contrário do que se imagina, a maioria prefere cumprir pena trabalhando."	141
"Margô passou três meses no distrito, numa cela com 32 homens, e ninguém abusou dela. Apesar da sainha agarrada, do bustiê e do silicone nas coxas, o maior respeito."	231

Fonte: Coleta direta de dados (2006)

O preconceito, não somente no caso do autor de "Estação Carandiru", é sempre um ato generalizador, na medida em que não é uma conceituação intelectual, mas afetiva, e "reflete uma atitude específica para com o objeto, um desejo de defini-lo como normal ou aberrante" (Moscovici, 2003, p. 65). Assim, há um anseio de poder encontrar algo que corrobore com uma visão que objetiva escrutinar a suposta realidade, especificando o que está dentro e o que está fora da norma. Em "sua grande maioria essas classificações são feitas comparando as pessoas [ou coisas]⁹ a um protótipo geralmente aceito como representante de uma classe" (Moscovici, 2003, p. 64).

"Resignados"

O quarto conjunto semântico secundário, chamado de *"resignados"*, busca ilustrar os aspectos da narrativa que denotam a luta inglória dos presos por resistir aos apelos à institucionalização e o fatalismo e isolamento com que estes parecem, com o passar do tempo, encarar o seu destino. A Tabela 8, a seguir, constitui-se de poucos recortes de texto, mas estes nos remetem, ao entrar em contato com o livro, aos aspectos fixos do sistema prisional e à ideia de irreversibilidade.

Tabela 8: Resignados

RECORTE DE TEXTO	PÁGINA
"A abertura obedece à velha rotina das cadeias, segundo a qual uma porta só pode ser aberta quando a anterior e a seguinte forem fechadas. É de boa educação esperar sem inúteis demonstrações de impaciência."	13
"- No Oito, cada qual carrega a sua cruz, calado. O sofrimento dos anos de cadeia ensina o sentenciado a se trancar na própria solidão."	33
"Em caso de receber ordem que considere injusta, primeiro deve cumpri-la e depois, com respeito, discuti-la com os superiores."	100
"Nos primeiros meses, ainda lia jornal e pedia notícias da rua, mas logo concluiu que satisfazer a curiosidade trazia mais sofrimento e alienou-se dos acontecimentos do lado de lá da muralha, como fazem muitos homens sem família condenados a penas longas."	261
"Se tinha que ser esse o meu destino, que sesse."	277
"Não tive condições de socorrer o rapaz, porque ali, era cada um por si e Deus por quem Ele julgava merecedor."	291

Fonte: Coleta direta de dados (2006)

Esta tabela representa a concepção de que, além dos presos, o leitor também deva resignar-se à ordem disciplinar e punitiva do sistema prisional. Esta ideia perpassa os recortes, na medida em que, ao lê-los, temos a impressão de uma ida sem volta a um lugar que gradativamente separa para sempre os que lá estiverem do resto do mundo. Neste espaço o ato de indignar-se ou impacientar-se não terá resultados, a alienação é a saída possível e ali impera o individualismo ao extremo: a máxima “*cada um por si*”. Esse construto possui um mecanismo passível de amortecer o leitor, persuadindo-o a pensar que tudo está como deveria estar.

As taxonomias dos “personagens da cadeia”

As seis taxonomias menores expostas na tabela 9 a seguir, a dos “*personagens da cadeia*”, trazem exemplos

de algumas separações que o autor faz durante o texto para se referir à população da prisão, a saber: (a) ladrões; (b) má índole; (c) humildes – sangue-bom; (d) vagabundos; (e) bandidos e (f) marginais. De um modo geral, podemos supor que essas taxonomias possuem duas funções básicas dentro da narrativa: a primeira, simplesmente categorizar os presos, ou seja, estabelecer uma hierarquia de valores para cada nomeação através de atributos positivos e negativos dirigidos a eles; a segunda, fixar estes atributos como se eles fossem tarjas estáticas coladas aos sujeitos, fazendo esquecer o fato de que elas são características dinâmicas e que, como quaisquer outras características, dependem de um constante vir a ser. Assim, o “*ladrão*” será sempre ladrão, mesmo que nunca mais venha a roubar.

Tabela 9: Personagens da Cadeia – Taxonomias

RECORTE DE TEXTO	PÁGINA
“Como nos velhos filmes, procuro abrir uma trilha entre os personagens da cadeia : ladrões, estelionatários, traficantes, estupradores, assassinos e o pequeno grupo de funcionários desarmados que toma conta deles.”	11
Má índole	
“Nessas situações, há quem aproveite para dar um golpe a mais mesmo em alguém que nenhum mal lhe causou.”	19
“– Tantos anos na cadeia, doutor, e nunca vi ninguém matar alguém sozinho . Chega a juntar vinte, trinta, para meter a bicuda naquele que vai morrer.”	19
“– A cadeia perversa a mente do sentenciado num tanto tal, que o cara está levando os golpes e muitos que não tem nada a ver com a fita pegam carona na desgraça do alheio e solta a faca também, só de maldade .”	20
“– Agora, o que chega dizendo que é do Crime, sangue nos olhos , que é com ele mesmo, esse, se não sair no rabeção do Instituto Médico Legal, pode ter certeza que vamos fazer de tudo para atrasar a vida dele. Gente assim, nós temos a mania de esquecer aqui dentro.”	22-23
“– Entre nós não existem meias palavras. Não pode confundir a com b. Ou é ou não é. Se não é, morreu .”	33
“As famílias madrugam na porta, mulheres na imensa maioria. São namoradas, esposas, irmãs, tias e a inseparável mãe, difícil de abandonar o filho preso, por mais crápula que ele seja .”	51
“Além disso, muitas das expressões que me sensibilizavam como médico possivelmente nunca haviam demonstrado complacência diante de suas vítimas indefesas na rua.”	79-80
“Apesar de médico, diversas vezes tive vontade de bater em alguém na cadeia, não por terem me faltado ao respeito, fato jamais ocorrido, mas pela revolta diante da perversidade de um preso com outro.”	116
“Quando eles decidem matar alguém , é muito difícil impedir. Na cadeia, a morte não respeita geografia.”	124
“– A cadeia seria menos perigosa, com essas mentes malignas ocupadas.”	124
“Nessas ocasiões, são tirados do telhado, esfaqueados ou torturados com requintes de crueldade... ”	147
“Num ambiente em que o assassino de um pai de família indefeso merece respeito, pode parecer desproporcional a aversão ao estuprador.”	147

“– Naquele corredor polonês devia ser tudo justiceiro, estuprador, só coisa que não presta , e mais algum ladrão com bronca da gente.”	170
“ As mortes não lhe trazem remorsos : - Se valessem o arrependimento, não tinham morrido.”	217
“– Mexeu com o instinto do elemento , que deu dois tiros no estômago do meu pai.”	232
“Viu o pai caído na sala e o elemento ainda com a arma na mão, de costas para a porta.”	232
“– Já não usava mais gíria nem palavra torta e não tinha mais perversidade na alma .”	232
Os humildes – sangue-bom	
“– Aqueles que forem humildes e respeitarem a disciplina podem contar com os funcionários para ir embora do jeito que a gente gosta: pela porta da frente com a família esperando.”	22
“– Eles não são do Crime, são aventureiros do tráfico, não ajudam e nem atrasam a vida do ladrão, são humildes, sangue-bom . A gente enaltece a pessoa deles.”	31
“– Você não é do crime , meu. Você é um comico.”	102
“– Saí de lá com fama de sangue-bom . Minha caminhada ficou mais fácil na cadeia... A lei diz que é melhor pagar por crime alheio do que delatar companheiro.”	152
“– Sangue-bom . Se ele me dá eu, tinha complicado a situação jurídica da minha pessoa, que eu já agravei na Colônia e não posso dar mancada.”	153
“A diferença entre sangue-bom e o laranja é muitas vezes sutil, pois envolve a motivação que levou ao ato... O sangue- bom ajuda o companheiro sem saber se um dia vai ser recompensado; merece todo nosso respeito porque é um altruísta.”	153-154
A vagabundagem	
“– Acordar vagabundo é sem chance.”	44
“Embora a vagabundagem empedernida resista no leito, o vaivém é infernal na galeria e na escada gasta pelo uso.”	45
“– Não entrei na PM para ser gandula de vagabundo .”	46
“– Ontem, depois de eu implorar, no desespero, acabaram me levando, mas nem desci do camburão porque os PMs falaram que ia demorar e eles não eram ama-seca de vagabundo .”	201
“Se a sociedade não pode entregar um litro de leite para as crianças na favela, o senhor nunca me convencerá a distribuir camisinha para vagabundo .”	280
Os marginais	
“A perspectiva de penetrar fundo o universo marginal , embora assustadora, era tão fascinante.”	86
“O trabalho exige sangue-frio. Nem tudo dá certo a tensão afrouxa. O assalto põe a polícia na rua e assanha os marginais .”	170
“Uma noite, Francineide, irmã do meio de Deusdete, na volta da padaria, foi molestada por dois marginais da vila .”	198
“Eram três marginais de dar medo , não tanto pela enorme folha corrida, mas pelo ar de revolta que estampavam no rosto.”	219
“O pai, que havia sofrido na cadeia e não queria marginal na família, proibiu o namoro.”	232
Os bandidos	
“– Pô um bandição assim , assaltante de carro forte, subenarregado de Faxina, implorar pela mamãezinha desse jeito.”	204
“Flavinho, bandido da zona sul , chegou aos dezoito anos com três mortes e um respeitável currículo de fugas da Febem.”	221

“– Falou que não queria bandido da porta para dentro da nossa casa e que da próxima vez punha ele para fora a bofetão.”	232
“Uma vez, um bandido do pavilhão Oito envolveu-se com um homossexual .”	245
Os ladrões	
“ Vi ladrão chorar feito criança ao ser transferido para lá.”	29
“– Ladrão nunca fica de bunda para os outros, doutor.”	127
“O pedido de socorro à polícia desmoraliza o ladrão .”	134
“É universal o ódio aos estupradores. Os ladrões aceitam tudo : agressão física, estelionato, roubo, exploração do lenocínio e assassinatos torpes – menos o estupro.”	144
“– Mas os funças puseram a gente para dentro, que eles não estão nem aí para sofrimento de ladrão .”	161
“– Chega, deixa Ele em paz agora. Muito Deus na boca de ladrão, não presta .”	203
“– Chegar numa cadeia e os companheiros te tratarem com todo o respeito é a coisa mais bonita na vida de um ladrão .”	209
“– Lugar de ladrão é com ladrão . Traficante, que se entenda com a polícia.”	209
“– E, assim, trilhei meu destino de ladrão .”	231
“– Onde já se viu, ladrão de respeito pôr a bicha na cama e dormir no chão! Agora inverteu tudo.”	231

Fonte: Coleta direta de dados (2006)

Além disto, estas taxonomias parecem traduzir o desejo de aprimoramento das classificações, como um anseio do autor por refinar suas habilidades ordenadoras frente aos sujeitos do cárcere. Mas sabemos que toda classificação é arbitrária, ilusória. É arbitrária, porque se baseia em critérios que sempre serão aleatórios por pertencerem à ordem do símbolo, que é dinâmico e volátil e é ilusória porque jamais vai encerrar em si o objeto classificado.

Mesmo assim, os “*personagens da cadeia*” são uma tentativa de reduzir as 7.200 pessoas que habitavam a Casa de Detenção de São Paulo a cinco tipos de pessoas: “*ladrões, estelionatários, traficantes, estupradores e assassinos*”. As causas de seus atos são atribuídas ao “*instinto dos elementos*” que possuem “*má índole*”, “*sangue nos olhos*”, que possuem “*requintes de crueldade*” e que se mostram para o autor como “*crápulas*” sem “*complicância*” e sem “*remorsos*”, que carregam a “*perversidade na alma*”.

Esses julgamentos ocorridos na narrativa conferem um vínculo expressivo da criminalidade e da cadeia a elementos individuais, como patologias de caráter e como uma suposta existência humana de natureza maldosa. Ao fazer isto, liga-se a realidade penitenciária a eventos tidos como naturais que surgem espontaneamente no mundo dos homens e que exigem mecanismos de contenção que são encarados, também, como naturais. Ao mesmo tempo em que esta naturalização

ocorre, há um desligamento entre o sistema penitenciário e a conformação social, econômica e política que o envolve. Além do mais, os próprios homens passam a carregar atributos que são tomados como independentes de seu meio social.

Os julgamentos ocorridos na narrativa conferem um vínculo expressivo da criminalidade e da cadeia a elementos individuais, como patologias de caráter e como uma suposta existência humana de natureza maldosa.

Considerações finais

Para Thompson (1995, p. 76), “estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido [serve]¹⁰ para estabelecer e sustentar relações de dominação”. Com esta concepção em mente, retomamos a questão que dá origem a este trabalho, a saber: onde a narrativa de Drauzio Varella torna-se um elemento edificador ou

mantenedor de muralhas entre os habitantes da prisão e o resto do mundo e onde ela se torna ideológica e legitimadora do sistema prisional?

Na tentativa de respondê-la, examinamos a interação entre os sentidos produzidos pela narrativa de Drauzio Varella em seu livro "Estação Carandiru", ao construir sua representação dos presos. Procuramos, nesta análise, descobrir como as formas simbólicas utilizadas pelo autor poderiam erigir ou reproduzir relações de dominação, já que as formas simbólicas não são apenas representações, mas são os elementos que constituem as relações sociais como tais (Thompson, 1995).

De fato, a narrativa de Drauzio Varella mantém elevadas as fronteiras representativas entre os habitantes da prisão e o resto do mundo. Como primeiro elemento deste entendimento encontra-se a proposição do autor de não fazer julgamentos, o que além de não isentá-lo de fazê-los, sobrevaloriza seu discurso frente aos demais, dando a ele excessiva credibilidade e poder, dissimulando com esta proposição os julgamentos intrínsecos à sua escrita.

Como um segundo elemento de indício ideológico na narrativa de Drauzio Varella, encontramos a legitimação do sistema penitenciário reafirmada por suas proposições de mudança e de otimização do sistema e pela sua escolha em não questionar esta lógica. Quando o autor não questiona a lógica prisional ele automaticamente ratifica a falácia de que ela possa ser justa.

Como terceiro elemento ideológico da narrativa, encontramos a dissimulação, que se refere ao fato de o autor relacionar, por exemplo, os animais aos presos, transferindo assim as conotações positivas e negativas dos primeiros para os segundos através do deslocamento e da metáfora. Além disto, a ligação dos crimes à índole dos sujeitos e o desligamento dessa realidade do entorno social, econômico e político que a conforma, faz com que uma situação histórica pareça natural e atemporal encobrendo desigualdades e injustiças sociais envolvidas nos fatos em questão. Além de desumanizar o preso, o discurso deposita somente nele o arbítrio de seu destino.

Não há como se fazer uma distinção exata entre as fronteiras simbólicas erigidas pelo livro "Estação Carandiru" e aquelas que, já disseminadas, foram apenas reproduzidas por seu autor. O poder de segregar, desumanizar, estigmatizar não foi inventado por Drauzio Varella, embora entendamos que em muitos momentos ele pudesse ter atentado para a escolha dos valores que difunde em sua obra.

Por fim, consideramos que os pontos trazidos à tona neste ensaio são apenas alguns dos exemplos encontrados ao longo da escrita do livro "Estação Carandiru", que podem ilustrar a representação do autor a respeito dos presos e de como o uso das formas simbólicas que as constituem, ganham poder através de estratégias de sobrevalorização do discurso, de naturalização do sistema prisional e de dissimulação da alteridade encontrada na prisão.

A narrativa dominante, ao decidir os critérios de classificação do mundo, decide que fronteiras serão erguidas entre os objetos classificados. Fronteiras físicas não possuem poder se não emanam e não se coadunam às fronteiras simbólicas. As primeiras tornam-se escravas das segundas e voltar atrás destruindo um espaço físico é simples, mas por si só não assola as fronteiras simbólicas que lhe deram origem. Frente à complexidade do tema, este trabalho se propõe a uma das interpretações possíveis e fica à espera de outras que possam questioná-la, refutá-la ou enriquecê-la ■ FAMECOS

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FORGHIERI, Yolanda C. *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Pioneira, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GUARESCHI, Pedrinho. *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- GUARESCHI, Pedrinho. *Psicologia Social Crítica: como prática de libertação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JODELET, Denise. *Loucuras e Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna: teórica crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SITES CONSULTADOS

http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/carandiru_foi.shtml> Acesso em 11 jun. 2006.

<http://www.bitsmag.com.br/conteudo/cidadao/carandiru.htm>> Acesso em 11 jun. 2006.

<http://www2.uol.com.br/carandiru/projeto.htm> Acesso em 11 jun. 2006.

NOTAS

¹ As informações históricas sobre a Casa de Detenção de São Paulo, citadas na introdução deste trabalho, estão disponíveis nos sites: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/carandiru_foi.shtml> e <<http://www.bitsmag.com.br/conteudo/cidadao/carandiru.htm>>.

[www.bitsmag.com.br/conteudo/cidadao/carandiru.htm](http://www2.uol.com.br/carandiru/projeto.htm)>.

² <http://www2.uol.com.br/carandiru/projeto.htm>. Acesso em: 11 jun. 2006.

³ A intervenção entre colchetes é nossa.

⁴ Idem à nota anterior.

⁵ O mapa representacional exposto a seguir teve sua construção baseada no mapa do texto “Patológico, cinzento e perdido”: a representação social do PT segundo Mendelski (Guareschi, 2000, p.177).

⁶ A intervenção entre colchetes é nossa.

⁷ As intervenções entre colchetes são nossas.

⁸ Melanie Klein fala, em sua teoria, sobre uma cisão na visão de mundo do recém-nascido, onde ele percebe a mãe que o satisfaz como o seio bom e a mãe que o frustra como o seio mau, não conseguindo de imediato integrar as duas posições – boa e má – como fazendo parte de uma mesma mãe.

⁹ A intervenção entre colchetes é nossa e substitui a palavra “dessa” por [de uma mesma], de modo a melhorar a compreensão da escrita.

¹⁰ A intervenção entre colchetes é nossa e substitui a palavra “sirva” por [serve], de modo a melhorar a compreensão do texto.